

## Fenomenologia de Cristo

O que o filósofo Michel Henry (1922-2002) chama a fenomenologia de Cristo é evidentemente e antes de mais um exercício de fenomenologia, na linha do que o autor chama uma fenomenologia pura, praticando embora o que também classifica como a inversão da fenomenologia.

Uma fenomenologia radical será aquela que resiste e se sobrepõe ao desejo de qualquer outra forma de abordagem fenomenológica, indo até à raiz da fenomenalidade do fenómeno, tentando captá-lo na origem e na originalidade da sua fenomenalização, indo para além do que poderíamos chamar a primeira visibilidade, caminhando até ao limite do invisível, sem no entanto nunca se dispensar da verificação da sua fenomenalidade.

Se referirmos esta radicalidade ao que M. Henry chama – usando maiúsculas – a Verdade da Vida, percebemos, de imediato, mas mediadamente, a oposição dessa forma de verdade ao que chama – aqui com minúsculas – a verdade do mundo. O mundo tem evidentemente a sua verdade e as suas verdades, a sua vida e as suas vidas, mas estas são, na linguagem de M. Henry e nomeadamente na forma que revestiram na modernidade, a aparência do espectáculo e a mentira<sup>1</sup>, porque ocultam e não deixam ver a verdadeira genealogia e a vivente geração da verdade viva e da vida verdadeira.

A fenomenologia de Cristo tem então, nesta linha, que ver sobretudo com as palavras mais radicais que Cristo disse sobre Si mesmo e com o nível mais radical de compreensão que as Escrituras sobre Ele nos revelam.

---

<sup>1</sup> M. HENRY, *Eu sou a verdade. Por uma filosofia do cristianismo*, Lisboa, Ed. Vega, 1998. pp. 261-77. (A referência à obra citada far-se-á em seguida pela sigla *ESV*).

O que aqui é mais radical e mais puro – e portanto verdadeiro e vivo – é o que se diz ou o que é dito, quer pelo próprio Jesus, quer por quem mais profundamente O compreendeu.

Esta precedência da Palavra que sai da boca não exclui a atenção aos factos e aos acontecimentos, mas ela é que dá a chave de interpretação e estabelece as prioridades a respeitar. Nós podemos a este respeito falar de níveis da fé e também de níveis de verdade e de níveis de (qualidade de) vida. A vida em abundância fica referida e relacionada com a verdade total a que o nosso coração se possa – e se pode – abrir e cuja fenomenalização aconteceu já, antes de mais em Cristo e na Sua relação com o Pai.

M. Henry privilegia, na lógica desta qualificação da fenomenologia, o que é referido por João, «em duas passagens do seu Evangelho e em pelo menos uma das suas epístolas»<sup>2</sup>. Aquilo que M. Henry chama a tese do cristianismo – «a vinda de Cristo ao mundo para salvar os homens revelando-lhes o Pai, que é também Pai dos homens»<sup>2</sup>, é «formulada fenomenologicamente»<sup>2</sup> nessas passagens:

1. «E o Verbo se fez carne e habitou entre nós – e nós contemplamos a sua glória» (Prólogo, 14).
2. «Jamais alguém viu Deus; um Deus filho único que está no seio do Pai é que o dá a conhecer» (Prólogo, 18).
3. «O que é desde o Princípio, o que ouvimos e que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e tocamos com as nossas mãos...» (1 João, 7).

O que Cristo disse sobre a sua relação com o Pai e o que as Escrituras dizem sobre essa geração, a diversidade de apresentações que noutros lugares se fazem dessa genealogia e a polémica que se levanta, entre os «judeus», a propósito da origem de Jesus, mostram, na aparente confusão que sobre esta genealogia estava instalada, como o apóstolo João, nomeadamente no Prólogo que M. Henry repetidamente classifica como fulgurante, viu mais fundo do que os outros narradores, sem no entanto deixar de fenomenalizar as afirmações que faz.

A coerência das Escrituras e sobretudo a coerência do que Cristo afirma sobre Si próprio, tem de ser fenomenalizada por cima e pelo alto. Se Cristo se afirma como Caminho, Verdade e Vida, então as palavras que, ditas pela sua boca ou escutadas num coração

---

<sup>2</sup> *ESV*, p. 88.

crente, produzem mais e melhor vida, são também as mais verdadeiras, a partir dessa sua condição de Arqu-Filho, «gerado na auto-geração da Vida absoluta e conservando dela a sua essência»<sup>3</sup>.

Nós podemos dizer que aqui tem que se aplicar exemplarmente aquele princípio fundamental da fenomenologia, o da doação de sentido, a par com outro princípio, igualmente fundamental, de que o que é mais significante e significativo tem mais razão de ser, desde que verificado e confirmado, do que o não significativo ou o menos significativo ou o insignificante. Este princípio, que da fenomenologia se estendeu depois na filosofia para a abertura à hermenêutica existencial, é o que permitiu e permite desconstruir e superar as interpretações redutoras da riqueza da realidade e que perigosamente foram dominantes em boa parte do séc. XIX e no séc. XX: materialismo e positivismo, marxismo e psicanálise, estruturalismo e mesmo algum «bíblicismo», niilismo e relativismo, cepticismo e idealismo.

Se Cristo é verdadeiro no que diz e no que faz, então só Ele pode ser o critério, último e fundamental, excludente de qualquer outro no que este tenha de oposição e integrador de qualquer outro no que este tenha de compatibilização, de juízo e de aceitação, tanto do diverso nível da verdade do que se diz, como do que por outros seja dito. Repetindo a palavra de Pedro, poderíamos perguntar-nos: a quem iríamos pedir emprestado esse critério?

Esta radicalidade, própria do filosofar fenomenológico e desafiadora da sua extensão ao filosofar hermenêutico, tem de ser respeitada e afirmada, sob pena de negarmos a Cristo esta condição de auto-geração e de auto-afecção – uma auto-afecção naturante própria do Filho primogénito do Pai, que depois se prolonga e se comunica a uma auto-afecção naturada, própria dos que são Filhos no Filho<sup>4</sup>.

M. Henry tem perfeita consciência das inversões que pratica e das suas conseqüências, ao assumir, a sério e na sua pureza, esta fenomenologia de Cristo, certamente a mais radical das formas da fenomenologia, aquela em que esta experimenta, tanto as suas virtualidades, como a ida até aos seus limites. Quando fala de outras abordagens e tendo também aí perfeita consciência das aporias com que se defronta, usa quase provocadoramente a expressão cris-

---

<sup>3</sup> *ESV*, p. 105.

<sup>4</sup> *ESV*, p. 114.

tologia, mas colocando-a entre aspas<sup>5</sup>, como que a sugerir que, antes dessa tentativa de sistematização, é preciso este caminhar humilde e atento, até à raiz desta provocação.

Esta fenomenologia de Cristo estende-se depois, em M. Henry, ao que ficou como a obra última do seu filosofar, sob o título *Paroles du Christ*<sup>6</sup> e em que trabalhava na altura de morrer. Aí a referência maior são as palavras que se referem à Eucaristia, ou seja, as palavras que Cristo diz sobre Si próprio e sobre a verdade e a vida que daí decorrem para quem aceitar essas palavras. Cristo usa aí palavras dos homens, não já para falar das coisas dos homens, mas para falar de Si próprio e para dizer as mais verdadeiras e as mais viventes de todas as palavras que da Sua boca nos vêm.

Cristo diz mais do que todos os outros viram e essa fenomenologia, anterior e mais radical e preparatória das cristologias, tem que ver com realidades e conceitos tão fundamentais e tão decisivos como os da genealogia e nascimento<sup>7</sup>, vida eterna e céu<sup>8</sup>, David e Abraão<sup>9</sup>, tempo e presente, passado e futuro, Deus e homens, glória de Deus e vã glória dos homens e fé, luz e trevas, ensinar e dizer a verdade, verdade do cristianismo e verdade do mundo, ética e pensar, escatologia e humildade, salvação e humilhação...

M. Henry afirma: «a concepção do homem como ser no mundo é desfeita em pedaços pelo cristianismo. Este compreende o homem a partir do nascimento transcendental como filho da vida e, por conseguinte, se a vida é Deus, como Filho de Deus. Por outro lado, a interpretação do homem como Filho de Deus arrasa a Ocidental compreensão do homem»<sup>10</sup>.

A antropologia que flui – ou que pode e deve ressurgir – desta fenomenologia, não só problematiza, como mesmo subverte – ou melhor e repetindo M. Henry, arrasa – (quase) toda a filosofia da modernidade, em que o homem, desde a ciência de Galileu e a filosofia de R. Descartes e invadindo o senso comum que neles se alicerce e deles inadvertidamente se alimenta, obstinadamente se esquece de que é filho e se põe como centro de (quase) tudo, mentindo a si mesmo no espectáculo que a si mesmo oferece, com as

---

<sup>5</sup> *ESV*, p. 104.

<sup>6</sup> M. HENRY, *Paroles du Christ*, Paris, Éd. Seuil, 2002.

<sup>7</sup> *ESV*, p. 77.

<sup>8</sup> *ESV*, p. 81.

<sup>9</sup> *ESV*, p. 83.

<sup>10</sup> *ESV*, p. 99.

tecnologias da manipulação, não só já da verdade, como até da própria vida.

M. Henry desafia, não apenas já só a filosofia, mas até a própria teologia. Como João Paulo II recorda, no n.º 77 da *Fides et ratio*: «se o teólogo se recusasse a utilizar a filosofia, arriscar-se-ia a fazer filosofia sem o saber e a fechar-se em estruturas de pensamento pouco idóneas à compreensão da fé. Se o filósofo, por sua vez, excluísse todo o contacto com a teologia, ver-se-ia na obrigação de apoderar-se, por conta própria, dos conteúdos da fé cristã, como aconteceu com alguns filósofos modernos. Quer num caso quer noutra, surgiria o perigo da destruição dos princípios básicos da autonomia que cada ciência justamente pretende ver garantidos».

A questão da autonomia não foi e não é certamente, nem primeira, nem sequer importante, para M. Henry. Ele não terá querido fazer, explicitamente, teologia e a forma de filosofia que faz, tem a marca da radicalidade desta fenomenologia da Verdade e da Vida – da Verdade e da Vida, existencial e pura, original e arqueológica, desafiadora e prévia e primeira.

O que o preocupa é essa aproximação à Verdade e essa possibilidade de fruição da Vida, para além da ciência e do senso comum que nela se baseia, não se detendo em modas de pensamento, mas sem deixar de buscar a fundação racional, lá onde ela se possa encontrar.

O que está no Princípio e o que podemos ouvir e saborear nessa proximidade é o que importa. O que importa é o Verbo que está no Princípio e a sua Encarnação no meio de nós.

JOAQUIM CARDOZO DUARTE